

A REALIDADE DA FICÇÃO: REPRESENTAÇÕES DA CIDADE DE GOIÂNIA NOS CONTOS LITERÁRIOS E POEMAS

*Eliézer Cardoso de Oliveira**
ezi@uol.com.br

RESUMO: O objetivo deste texto é utilizar os contos literários e poemas que abordam a cidade de Goiânia para analisar a sensibilidade dos indivíduos em relação à mudança cultural ocorrida em Goiânia, nas décadas de 1960 e 1970. Nesse período, impulsionada pela construção de Brasília, Goiânia passou por um intenso crescimento demográfico, acarretando uma gradual superação da sociabilidade de caráter provinciano que predominava anteriormente e o advento de práticas sociais mais “metropolitanas”.

PALAVRAS-CHAVES: Goiânia, Literatura, Mudança Cultural.

INTRODUÇÃO

Entre as décadas de 1960 e 1980, a cidade de Goiânia passou por uma forte mudança cultural. Nesse período, parte de seus habitantes abandona os hábitos provincianos e adota valores típicos de habitantes de grandes cidades. O fator sociológico que explica essas mudanças culturais foi o aumento demográfico, consequência do êxodo rural, que marcou a sociedade brasileira da época e da imigração impulsionada pela construção de Brasília, uma vez que muitos imigrantes optaram por morar em Goiânia. O crescimento demográfico foi vertiginoso, de 74 mil habitantes em 1955, aumentou para 251 mil em 1965, 518 mil em 1975 e 800 mil em 1980. (IBGE, p. 1981).

Por um lado, esse incremento populacional foi responsável pelo crescimento desordenado da cidade e, conseqüentemente, pelos loteamentos sem infra-estrutura e pelas inúmeras ocupações urbanas que descaracterizaram o planejamento inicial da cidade, agravando os problemas de pavimentação,

* Doutor em Sociologia pela UnB. Professor do curso de História da UEG-Anápolis. Apresentou uma primeira versão dessa pesquisa no V Simpósio Internacional de história – Culturas e Identidades – ANPUH/GO, realizado na UFG em 2011.

saneamento básico, transporte coletivo e degradação ambiental. Por outro lado, esse crescimento veio acompanhado de novidades infra-estruturais importantes: a Usina Serra Dourada (1960), as Universidades Católica (1959) e Federal (1960), o Cemitério Parque (1961), o Centro Penitenciário de Goiás – CEPAIGO (1964), o Estádio Serra Dourada (1973), o Autódromo Internacional de Goiânia (1973), o Parque Infantil Mutirama (1969), o edifício-estacionamento *Parthenon Center* (1976), edifícios de apartamentos, motéis, etc.

Por isso, a elite política (e parte da população) interpretava o intenso crescimento demográfico da capital como um indício do progresso. Isso fica bem nítido na mensagem do Prefeito Iris Rezende, em 1966, em comemoração ao aniversário da cidade:

Há trinta e três anos, alertado pelo grito mudancista de Pedro Ludovico Teixeira, Goiás inteiro acordou para o amanhã do progresso: a fundação de Goiânia. Hoje, o que era sonho para muitos se tornou realidade palpável que transformou todo o Estado numa nova fronteira humana, no marco incontestado de uma nova civilização que [...] renova a cada passo a sua confiança inquebrantável no futuro grandioso desta terra abençoada. (*Jornal Cinco de Março*, Goiânia, 24 out. 1966).

Por outro lado, a população goianiense passou a expressar sentimentos típicos de grupos que estão transitando de um universo dominado por valores tradicionais para um dominado por valores modernos: nostalgia, receio, angústia e solidão. Os sentimentos eram ambíguos: ao mesmo tempo em que se orgulhava do crescimento e do progresso da cidade, sentia-se saudades do seu passado e apreensão em relação ao seu futuro. Utilizando o vocabulário de Reinhard Koselleck (2006), pode-se afirmar que o horizonte de expectativas conflitava-se com o espaço de experiências.

Essa tensão entre o progresso e a tradição, o novo e o velho, a comunidade e o indivíduo, a aldeia e a metrópole podem ser mapeadas pela utilização de obras literárias como fontes, já que elas revelam tensões de um objeto complexo como a cidade. Charles Monteiro foi um dos que percebeu a potencialidade das fontes literárias para o estudo da cidade de Porto Alegre:

A historiografia silencia sobre a *crise* urbana, os conflitos sociais na cidade [Porto Alegre] e o profundo processo de remodelação urbana [...] para se dedicar a[o] [...] inventário *mítico* dos heróis das origens da conquista e da colonização do estado; enquanto, na literatura, [...] escritores como Érico Veríssimo e Cyro Martins tratariam da questão do êxodo do campo rumo às cidades, dos conflitos entre antigos e novos valores, das tensões e segregações sociais no espaço urbano. (MONTEIRO, 1998, p. 35).

Em Goiânia, os romances, as crônicas, as poesias e os contos nela *ambientados* conseguem fazer uma leitura múltipla da cidade, não enfocando apenas os seus aspectos modernos, nem tampouco os aspectos provincianos, mas as duas coisas ao mesmo tempo. Portanto, o objetivo deste texto é utilizar os contos literários (de Bernardo Élis, José Mendonça Teles e Marieta Telles Machado) e poemas (de Gilberto Mendonça Teles, Brasigóis Felício, Nelson Figueiredo e João Neder), para analisar a sensibilidade dos indivíduos em relação à mudança cultural ocorrida em Goiânia, nas décadas de 1960 e 1970, mapeando as suas reações diante das inovações modernas da cidade. Ao contrário de Hayden White, que afirmou que em toda a obra de intenção realista há um pouco de ficção; neste trabalho parte-se do pressuposto teórico inverso: o de que em toda a obra de ficção há um pouco de realidade.

A VISÃO CRÍTICA EM RELAÇÃO A BRASÍLIA

A construção de Brasília, a menos de 200 quilômetros de Goiânia, gerou um surto de otimismo progressista que não se via desde 1942, nos festejos de inauguração da capital. Para os intelectuais goianos, Brasília seria o final da *Marcha Para Oeste*, iniciada com a construção de Goiânia nos anos 30. Desse modo, as duas cidades, ambas planejadas com as mais modernas teorias urbanísticas disponíveis em suas épocas, destinadas a serem centros administrativos e a trazer progresso para o Brasil e para Goiás respectivamente, ambas filhas do saber moderno, eram vistas como *idades-irmãs*. Goiânia, como irmã mais velha, forneceria todo apoio necessário para que se efetivasse a construção da *cidade-caçula*.

Por isso, a mudança da capital federal foi esperada com muita ansiedade pelo povo goiano (SILVA, 1997, p. 37-54), e pelo goianiense em particular. Em 1953, ainda nem iniciadas as obras no Planalto Central, já havia uma escola no setor Campinas com o nome de *Ginásio Brasília*; a partir do dia 10 de fevereiro de 1953, uma família de imigrantes italianos, os Lisita, passou a editar o *Brasília Jornal* – são apenas dois, entre vários exemplos, que mostram o quanto a expectativa da construção da nova cidade no Planalto Central excitava a população comum de Goiânia. Os administradores públicos goianos também acompanhavam cada detalhe da construção de Brasília, como se estivessem diretamente envolvidos, o que explica o ponto facultativo dado aos servidores públicos goianos, no dia 23 de fevereiro de 1960, dia em que o presidente norte-americano Dwight D. Eisenhower visitou Brasília. (REIS, 1979, p. 317).

A Academia Goiana de Letras publicou especialmente um *Número Comemorativo da Mudança da Capital para o Planalto Central de Goiás*, em que Zoroastro Artiaga, no artigo *Salve Brasília!*, expressa otimismo, beirando a charlatanice, com a inauguração da capital federal

A ocupação do vasto araxá do Brasil-Central é um convite à independência econômica; a quebra da tutela secular; a marcha para a liberdade e para a felicidade, porque, todos os que se transferirem para o interior, ficarão ricos, sem nenhum esforço, como aconteceu em Goiânia, onde, os que tiveram fé e confiança, unicamente com a valorização da terra, acham-se milionários. Os que trabalharam e agiram, estão multimilionários. Este é um convite do Oeste para a fortuna, para a abundância, para a quebra dos grilhões do sub-desenvolvimento. Ave, pois, Brasília! Sejam bem-vindos, todos os que acreditam em um Brasil grande, poderoso, prestigioso e livre, que já está vivendo por si mesmo, e que dentro de cinco anos terá progredido. (ARTIAGA, 1960, p. 03).

Esse tipo de representação lembrava as imagens edênicas que impulsionaram os colonizadores portugueses e espanhóis no Novo Mundo. Brasília, utopicamente, impulsionaria o desenvolvimento do Brasil e traria prosperidade para a vida das pessoas que para lá se dirigissem. O artigo, por suas idéias hiperbólicas, parece, para um leitor do século XXI, mais um folhetim vulgar do que um escrito de um intelectual experiente como Zoroastro Artiaga.

Da mesma forma em que a relação entre irmãos não é de pura fraternidade, a proximidade entre as duas cidades não deixou de provocar atritos e ressentimentos. Durante o chamado *Movimento da Legalidade*, em 1961, o governador de Goiás Mauro Borges Teixeira elaborou o *Plano Geral de Ação* que numa de suas *Linhas de Ação a Seguir* objetivava:

Planejar ações ofensivas contra os rebeldes em Brasília e, posteriormente, integrarmos no conjunto das operações do País e eventualmente atuarmos ofensivamente fora do Estado de Goiás. (BORGES Apud TEIXEIRA, 1994, p.44).

A resolução do impasse da posse de João Goulart fez com que as relações entre Brasília e Goiânia se atenuassem. No entanto, três anos depois, foi de Brasília que o Regime Militar decretou a intervenção política em Goiás, sendo Mauro Borges Teixeira substituído, num momento de grande tensão e perigo de um confronto armado, pelo interventor Carlos de Meira Matos.

A desilusão dos goianos com Brasília foi explorada literariamente por Bernardo Élis (1987) no conto “Urbanização (Relatório)”. Trata-se de uma sátira, provavelmente inspirada no clássico da ficção *Maquina do Tempo* de H.G. Wells. No conto, em que Brasília é denominada *Newtown*, predomina uma linguagem irônica, com severas críticas à ideologia do progresso, como na “Fala do Presidente ao inaugurar Newtown”:

Outro aspecto de significação básica é a função cibernética da Newtown: foi imaginada para funcionar como cérebro das altas decisões nacionais. Só poderá desempenhar seu papel de centro de comando administrativo (e centro produtor de uso e bens de gozo) aceitando as concepções novas, modernizando não apenas as estruturas dos edifícios públicos (e privados – não confundir com W.C. – inclusive fábricas, estabelecimentos comerciais, etc.) como o aparelhamento de seus órgãos burocráticos (comerciais, industriais etc.). (ÉLIS, 1987, p. 168).

O estilo técnico-informativo da fala do *presidente* permite uma leitura irônica dos discursos otimistas, ingênuos e crédulos da capacidade de Brasília resolver os problemas do país (como o de Zoroastro Artiaga). Em lugar disso, o conto informa que “para se construir essa ultramoderna cidade, o país do Terceiro Mundo contraiu uma dívida tão grande que os credores se viram na obrigação de receber a metade do território que se constituía o País”. Além disso, ela foi responsável pela “mais terrível e temível ditadura, graças a qual seria possível continuar a obra progressista de terminar a construção de Newtown” (ÉLIS, 1987, p. 168).

Numa evidente alusão à alocação da população pobre nas cidades-satélites, relativamente afastadas do Plano-Piloto, o conto relata que, em Newtown, os habitantes considerados “subversivos” foram obrigados a refugiar-se nos subterrâneos da cidade, comendo ratazanas ou subindo à superfície à procura de alimentos, atacando os parques em que eram criados bovinos e eqüinos – uma vez que os habitantes da superfície só se alimentavam de “iguarias quimicamente elaboradas pelas avançadíssimas indústrias locais, cujo sabor era intolerável pelo primitivo paladar e grosseiro apetite dos moradores subterrâneos”. (ÉLIS, 1987, p. 171).

No final do conto, os administradores de Newtown, não conseguindo pagar a imensa dívida contraída para a sua construção, abandonam-na. Os moradores dos subterrâneos passam a ocupá-la, reinstalando o seu antigo modo de vida:

Num dos mais belos e artísticos parques da cidade montaram uma fazenda de gado, isto é, colocaram um cocho à sombra de uma árvore, deitaram sal, e as vacas principiaram a parir com a maior perfeição jamais presenciada. Noutro parque fizeram uma vasta roça de toco, como sabiam fazer e sempre fizeram os avós, bisavós e tetravós. (ÉLIS, 1987, p. 167).

O autor propõe um retorno ao modo de vida tradicional, típico da população rural de Goiás, para minimizar as mazelas produzidas em nome do progresso. Esse conto foi publicado em 1984, quando se percebeu que as possibilidades prometidas com a construção de Brasília não se tornaram realidade, o que explica o tom irônico e crítico em relação a Capital Federal. Esse também foi o tom do poema *Capital*, de Gilberto Mendonça Teles:

Dista 202 km de.
 Disto lhe vêm
 todos os males
 presentes e futuros.
 Os males do passado
 vinham da lonjura
 do Rio de Janeiro. (TELES, 1982, p. 110).

Enfim, os contos e poemas permitem recuperar uma leitura crítica dos goianienses em relação à Capital Federal que destoa dos discursos políticos e do ufanismo da imprensa da época.

A VISÃO CRÍTICA EM RELAÇÃO ÀS FORMAS DE LAZER MODERNAS

Em relação às formas de lazer, nesse período houve mudanças profundas em Goiânia. O tradicional Jóquei Clube, a partir da década de 60, gradativamente deixa de ser referência nas reuniões sociais da elite goianiense. Há uma diversificação de novos clubes sociais, como o *clube privé*, mais tarde (1960) *Country Clube* (formado quase exclusivamente por médicos), o *Clube de Regatas do Jaó* (fundado em 1962), O *Goiânia Tênis Clube*, o *Balneário Meia Ponte*, o *Clube Oásis*, etc. Essa dispersão dos centros de lazer da elite se explica pelo seu crescimento numérico. Simmel, nesse sentido, afirma que “Existe um limite absoluto, além do qual a forma de grupo aristocrática não pode ser mantida. [...] para ter eficiência como um todo, o grupo aristocrático deve ser visível para cada um de seus membros. Cada elemento deve conhecer pessoalmente todos os outros.” (Simmel, 1983, p. 94-4).

Desse modo, as festas de *reveillion* e os bailes de carnavais que eram expressão metonímica do lazer em Goiânia vão se fragmentar com o surgimento de novos grupos sociais, principalmente imigrantes desvinculados das antigas famílias tradicionais.

Do mesmo modo, as centenárias formas de lazer dos habitantes do bairro de Campinas – os banhos nos córregos e rios, as pescarias e as caçadas – vão diminuir gradativamente, por causa da poluição dos rios e dos córregos e da destruição das matas.

Até as tradicionais casas de prostituição de Campinas perdem cada vez mais espaço para os motéis que se instalam às margens da rodovia que liga Goiânia a São Paulo. Os prostíbulos de Campinas situavam-se na zona residencial, com risco de serem confundidos com as casas de família – daí a exigência de se colocar uma luz vermelha discriminatória nesses locais para evitar desagradáveis mal-entendidos; já os motéis, nessa época, eram separados das áreas residenciais, oferecendo a garantia de maior discricção.

Nos contos, percebe-se um repúdio em relação a essas novas casas destinadas a práticas sexuais. No conto “Lua Cheia”, de José Mendonça Teles, a personagem principal utiliza os motéis para encontros extraconjugais:

_Tenho uma novidade para ti, inauguraram outro na saída para São Paulo, e vamos estreá-lo. É o quente, ar condicionado, geladeira, telefone, cama giratória, espelho até no teto, te levo lá, prometo. Ok. Ok. (TELES, 1971, p. 22).

Apesar do ufanismo das personagens, o conto é crítico sobre os motéis, como demonstra o seu final moralista: a personagem contrai uma doença sexualmente transmissível, colocando-a em uma situação constrangedora: “se aquela fresca me pegou esse troço já transmiti para a minha mulher” (Idem).

No conto, percebe-se uma mudança de visão a respeito da prostituição. Nos anos 40 e 50, o hábito de freqüentar os bordéis era um modo de afirmar a masculinidade diante dos outros homens. O bordel seria um clube de homens que disputam a prostituta mais cobiçada. Já nos motéis, os freqüentadores são protegidos pelo sigilo, garantido pela localização periférica e pela peculiaridade de sua arquitetura.

Não houve, no entanto, o desaparecimento total dos bordéis de Campinas. Eles apenas perderam o seu glamour dos tempos em que eram freqüentados pelas principais autoridades públicas da capital¹. A partir de 1962, com a inauguração da Estação Rodoviária de Campinas, as casas de prostituição passaram a ser freqüentadas por viajantes e forasteiros. Assim, como tentativa de atrair os cada vez mais escassos clientes, muitas mulheres utilizaram a rua como local de propaganda. Iniciava-se a prostituição de rua em Goiânia.

Enquanto em épocas passadas, as casas de prostituições aparecem, em muitos casos, de forma estilizada, com proprietárias caridosas e clientes cavalheiros, agora a prostituição é retratada de forma nua e crua. O conto “A irmã do Inácio”, de Marietta T. Machado, retrata a história de Inácio, um rapaz do interior, cansado de “*pegar no rabo da enxada*”, que vem a Goiânia em busca de novas e melhores oportunidades: casa-se com Irene, trabalha o dia inteiro e estuda à noite. Mesmo enfrentando dificuldades financeiras, traz a sua irmã Rosa para morar com sua família. Rosa começa, então, a aparecer com roupas caras que não condizem com seus rendimentos. Inácio, desconfiado, resolve segui-la, descobrindo seu segredo:

O galaxie branco seguiu para a rodovia de São Paulo, paraíso dos motéis. Andava em marcha regular, o taxi seguindo-o com discrição. O galaxie parou em frente a um motel. Pare, disse eu ao motorista do taxi. Fiquei perplexo e confuso. Não sabia o que fazer (MACHADO, 1978, p. 49-50).

Percebe-se, nesses contos, o retrato de Goiânia com todos os qualitativos negativos de uma metrópole moderna, já que possui relações sociais distorcidas, capazes de levar uma moça interiorana a se prostituir. A cidade é um lugar sem alegria, como no poema “Vou indo (à margem da vida)”:

Rondo a cidade à procura de nada.
Aqui levei um tombo,
por ali levei porrada.
Vejo a cidade transmutada.
Passeio aqui, desolado
onde pisaram-me o calo
pisoteou-me a vida.
Passeio sem alegria.
Nesta praça fui beijado
pela biscate negrinha
que pôs-me a sífilis nos olhos
até hoje espantado. (FELÍCIO, 1979, p. 13).

Longe de ser um *flâneur* benjaminiano, embasbacado pela grandiosidade da metrópole moderna, o eu-lírico do poema mostra-se consternado pela visão da “cidade transmutada”. Nesse sentido, a visão pessimista de Goiânia revelada pela literatura constituiu um contraponto crítico às obras ufanistas de cunho político-administrativo. Isso explica uma importante mudança no lazer da juventude goianiense. A tradicional prática do *footing*,

a caminhada vespertina por determinados locais da cidade, típica dos anos 40 e 50, desaparece como ritual social, dando lugar às casas noturnas (*boates* e *dancings*), destinadas ao público mais jovem. Elas concentravam-se no centro da cidade – no subsolo do Hotel Bandeirante, a *boate Kafuné*, o boliche *Bola Preta* (o primeiro de Goiânia), as boates *Chanel* e *Tasca 8*, *Bamboo* e *Porão 47*, com sua luz negra e iluminação psicodélica, freqüentados principalmente por jovens universitários. Com a inauguração da Praça Universitária, em 1968, os estudantes deslocam-se para lá, principalmente para a boate *Chafariz*.

Nesse sentido, o conto “Divina”, de José M. Teles, apresenta as novas possibilidades de diversão da juventude goianiense:

A noite cobre Goiânia neste Domingo de ócio e mistério. Os vampiros descem às soltas pelos bairros onde as meninas-moças, descuidadas, suspiram sessões do Capri ao lado do mocinho de calça justa, ou guardam, no íntimo, um sublime desejo de chopiar no Mário’s, Sanchopança, Abdalla, Casarão ou, em último caso, um rápido e bem segregado encontro pelo *drive-in*. (TELES, 1971, p. 52).

Já na década de 70, presenciou-se a extinção ou a descaracterização de muitas das casas noturnas do Centro e do Setor Universitário. Em vista disso, deslocaram para a Praça Tamandaré, no setor Oeste. Lá proliferaram várias casas de diversões noturnas, dentre as mais célebres: Azambuja, o *Siryus*, o *Tot’s*, a boate *Number One*, o *Zero Bar*, o *Saloon*, o *Boteko*, o *Dom Quixote*, o *Pilão*, o *Papillon*.

Essas casas dançantes, freqüentadas principalmente por jovens, expressam mudanças de valores culturais, já que, nos anos 40, a diversão tinha um caráter mais familiar. Nas memórias de um pioneiro da cidade, “a única diversão eram reuniões simples que se fazia no Grande Hotel. As famílias ali se reuniam, e havia lá um piano que era executado pela esposa do Dr. Manoel Gomes Pereira (...)” (SILVA In GOIÂNIA, 1989, p. 160).

Já as festas em boates e danceterias dos anos 60, 70 e 80 tornaram mais movimentadas. Sob ritmos americanos, moças e rapazes faziam movimentos frenéticos até altas horas da madrugada; a luz negra e o jogo de luzes impediam que se reconhecessem as pessoas que dançavam ao seu redor – enquanto a conhecibilidade era o pré-requisito da festas dos anos 40 e 50, agora o anonimato tornou-se a regra. Isso garantia liberdade aos freqüentadores desses ambientes, quando comparado às festas nos clubes ou em casas de família. O poema a seguir descreve esse novo ambiente da diversão da juventude goianiense:

Sobre luzes negras
 numa casa cheia de música
 A dona da casa, assentada
 sobre um despotismo duvidoso,
 Aqui, Maria dos olhos bonitos,
 onde os olhos do preconceito, não
 te vêem, estar longe de ti
 faz frio, dá saudade! (NEDER, 1989, p.245)

As casas noturnas, apesar de provocarem sensação de maior liberdade da conduta, certamente causavam o estranhamento em muitos jovens de valores mais provincianos, que se identificariam com a personagem Margarida do conto “Mergulhada na Urbe”. Ela veio do interior para trabalhar em Goiânia, conseguiu emprego numa loja de roupas e teve um relacionamento com seu patrão que a levou para conhecer a noite goianiense:

Eu nunca tinha ido a uma boate. E não sabia bem, que casa era aquela, que gente era aquela, que ria, dançava agarrado, um vozerio, som berrado, escuro, os dentes, as roupas, os olhos das pessoas brilhando muito, como se fosse tudo de prata. (MACHADO, 1978, p. 119).

Se alguns jovens estranharam, parte da população mais velha da cidade indignava-se ainda mais: “os bailes acontecem cada quinze dias, luz negra no salão, imaginem! Menores se embebedando, danças de rosto colado, quando não a gritaria indecente do rock, meninas mostrando os seios e o umbigo, absurdo!” (Idem, p. 81).

Outra diferença entre essas festas e as do período anterior baseia-se no fato de serem organizadas geralmente por jovens e para jovens. Segundo Hobsbawm, no século XX,

A cultura jovem tornou-se a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais, que formavam cada vez mais a atmosfera respirada por homens e mulheres urbanos. (HOBSBAWM, 1995, p. 323).

Goiânia não foi exceção. Muitos jovens nasceram em Goiânia², ao contrário de seus pais, não moraram em cidades interioranas ou na zona rural – portanto cresceram com a convicção, embora exagerada, de que viviam em uma cidade cosmopolita e moderna, o que, aliado aos novos valores transmitidos pelo cinema, televisão e rádio, tornava-os mais abertos à cultura moderna.

Houve também um considerável aumento da participação autônoma da juventude feminina no lazer. No dia 29 de março de 1959, realizou-se, para espanto de muitos, o primeiro jogo de futebol feminino em Goiânia, entre as garotas do *Operário de Araguari* e um combinado goianiense (REIS, 1979, p. 345). Em 1963, no Bairro de Nova Vila, seis anos antes do surgimento da Academia Feminina de Letras e Artes do Estado de Goiás, já existia uma Associação Cultural Feminina.

No conto “Medo”, já se percebia, em Goiânia, a partir de 1960, mulheres independentes, morando sozinhas, embora ele fizesse uma leitura bastante conservadora dessas ousadas mulheres. A personagem principal, apesar de ser chefe de repartição pública e pintora, vive em estado de permanente tensão – tem medo de perder o emprego e o namorado, de roubarem seu carro, de contrair alguma epidemia.

Em outro conto, “A solteirona do pensionato”, a personagem Luísa, por opção própria, não quis casar-se. Agora, com trinta e dois anos, sente-se deprimida e solitária. O fato de ela não ter feito o que era comum para as demais, isto é, casar-se, é tratado no conto como seu grande erro: “Mas Luísa se descuidou demais do tempo ou o tempo se descuidou de Luísa e passou levando seus admiradores e deixando-a estática naquele mundo visionário”. (TELES, 1973, p. 43).

Enfim, estes contos, mesmo que imbuídos de uma visão conservadora, mostram o alto preço pago pela independência feminina, mesmo em uma cidade como Goiânia, supostamente com valores mais abertos do que as demais cidades goianas.

A CRÍTICA À TECNOLOGIA: AUTOMÓVEIS

A melhoria da iluminação da cidade com a inauguração da Usina Hidroelétrica de Cachoeira Dourada permitia que a juventude divertisse até altas horas da noite³. O aumento do número de automóveis na cidade também foi fator preponderante para o prolongamento do período de diversão. Nos anos 40, a maioria da juventude utilizava a bicicleta para se locomover, como relata a folclorista Regina Lacerda

Tinha meu próprio veículo (como a maioria das moças) uma bicicleta inglesa era a minha. Por toda parte a gente pedalava e pedalava e até mesmo para assistir a chegada de uma amiga no aeroporto, que era ali mesmo. Pela constante falta de luz na cidade, as bicicletas tinham que ser equipadas com farol, campainhas e exibir placas de licença como os carros. Os ciclistas deviam carregar os documentos de propriedade sem o que, a polícia de trânsito aplicava sanções legais. (Lacerda In GOIÂNIA, 1989, p. 293).

Na década de 40, o racionamento de combustível provocado pela II Guerra Mundial fez com que os poucos automóveis particulares – como o Ford azul metálico da família Caiado, a Ramona ano 29 de Altamiro de Moura Pacheco, o carro de Augusto Gontijo em Campinas e do Paulo Fleury da Silva e Sousa e os carros de praças existentes – tivessem que utilizar um combustível alternativo – o gasogênio. Os primeiros veículos a utilizar esse tipo de combustível foram dois caminhões procedentes do Rio de Janeiro que chegaram a Goiânia, em 1938 (REIS, 1979, p.707), sendo posteriormente utilizado em veículo de menor porte, como descreve Ivo de Melo, destacando a excentricidade desses carros:

Um enorme cilindro de metal, instalados na parte externa, traseira, do veículo, com uma tampa na parte superior, muito bem fixada por sargentos externos bem fortes, para evitar a perda de uma pressão; uma espécie de fornalha ambulante, que recebia pequenas bolas de naftalina e fazia ferver um tanque de água que, a partir dessa combustão, gerava vapor suficiente para forçar a movimentação dos cilindros do motor e... O negócio andava! (MELO, 1998, p. 221).

Além dos carros e das bicicletas, havia as carroças e as charretes, inclusive, em 1959, foi fundada uma associação dos carroceiros e charreteiros de Goiânia (MELO, 1998, p. 265). Existiam também as lambretas, que se moviam tranqüilamente nas ruas largas e com poucos carros.

Gradualmente, as ruas de Goiânia foram cada vez mais ocupadas por carros, até que, em 1958, já houve a necessidade de instituir-se, no quadro da polícia, a Guarda de Trânsito de Goiânia, que teve muito trabalho, pois os atropelamentos tornaram-se rotineiros. Os contos não perderam a oportunidade de mostrar esse lado sangrento do progresso:

O guarda solícito apresenta-se ao patrulheiro-chefe dizendo que foi um atropelamento, que o homem da bicicleta devia ter ido fazer compras, que por certo vinha do Mercado, pois levava um pacote de arroz que se espatifou com o choque, que o atropelador evadiu-se, que não anotaram a placa do automóvel [...] (TELES,1971, p. 62).

Aliás, os atropelamentos ou inabilidade dos motoristas goianienses são temas sempre recorrentes na literatura sobre Goiânia. As ruas largas e retas de uma cidade planejada como Goiânia, com uma população de raízes rurais, não habituada ao trânsito mais rápido, certamente criaram um ambiente propício aos acidentes.

De qualquer forma, o automóvel representa um dos símbolos de modernidade para a juventude elitista de Goiânia. Associado ao poder e à velocidade, o automóvel é utilizado como arma de conquista, servindo para levar garotas aos motéis ou a locais desabitados: “Depois de mais algumas tentativas, ela acaba cedendo. O carro se arranca rápido, ante os olhares curiosos das pessoas que passam.” (TELES, 1973, p.103). Em 1970, já são mais de 14 mil veículos de passeio licenciados; em 1975, esse número chega a quase 40 mil (SABINO JÚNIOR, 1980, p. 62); em 1982, circulam pela cidade mais de 100 mil carros (FOLHA DE GOIAZ, 24 outubro de 1982).

Em termos de lazer infantil, a universal criatividade da criança supria a ausência de serviços especializados, improvisando diversões com qualquer coisa que estivesse ao alcance (brincadeiras em grupo, banho em córregos, futebol, fabricação própria de brinquedos, etc.). Porém, em alguns momentos, havia uma oferta de serviços especializados, principalmente dos circos e de alguns parques de diversões itinerantes que, desde os tempos em que Campinas ainda era cidade, fazia a alegria dos pequeninos. Dentre os vários eventos que marcaram a inauguração oficial de Goiânia, em 1942, o que mais chamou a atenção do público infantil foi a presença do *Americano Parque*, com várias diversões nunca vistas por aqui: a *menina-prodígio*, a *mulher decapitada*, números de mágicas, a Roda Gigante, a Pista Infantil, o Tiro ao Alvo. (NETTO, 1993, p. 21).

Nos anos 60, havia alguns parques infantis com poucos brinquedos em alguns bairros da cidade, como a Vila Operária e a Fama. Apenas em 1969, com a inauguração do Mutirama, a cidade passa a ter um parque infantil de grandes dimensões, com brinquedos modernos, como o Tobogã, a Montanha Russa, etc. fazendo dele um dos *mais modernos do país*. Além disso, foi criado o Jardim Zoológico, “um dos mais importantes do território nacional pela variedade de espécies, e [por ser] também centro de pesquisa” (FOLHA DE GOIAZ, 24 outubro de 1982). Tanto um, como o outro eram utilizados como argumentos da modernidade da cidade.

Enfim, após a década de 60, aparecem em Goiânia formas de lazer mais ligadas a um modo de vida moderno, embora não se possa afirmar que as práticas antigas de diversões simplesmente desapareceram – elas continuaram coexistindo com as outras, contribuindo para, também nesse aspecto, dar um caráter ambíguo à cidade.

CRÍTICA AS NOVAS FORMAS DE MORADIA

Com o crescimento demográfico, Goiânia também cresceu fisicamente, primeiramente para os lados, depois para cima. O influxo da construção

de Brasília produziu um grande número de empresas da construção civil. Após o término das obras na Capital Federal, muitas delas passaram a atuar em Goiânia, contribuindo para mudar o panorama físico da cidade.

Não interessa realizar um estudo sistemático do processo de implantação desses edifícios privados, mas o seu efeito sobre os valores dos indivíduos. Na década de 1940, o ideal de padrão de moradia para a elite era o sobrado, como o da descrição abaixo de Gerson Castro Costa:

Foi desse tempo a construção de um sobrado, na esquina da Avenida Tocantins com a Rua 2, feito pelo Dr. Carlos de Freitas, verdadeiro pioneiro das primeiras horas da fundação de Goiânia. Com belos jardins dando para os dois lados das vias públicas, parecia, aos olhos provincianos dos passantes, o palácio de Nabucodonosor, em Babilônia, com seus jardins suspensos, só que as hastes dos pés de flores estavam ao nível do rés-do-chão. (COSTA, In GOIÂNIA, 1989, p. 100).

A principal característica desse tipo de edificação eram os detalhes singulares de sua arquitetura; graças a ela, sua imagem ficou preservada na memória do pioneiro. Já a forma de habitação dos edifícios de apartamentos é caracterizada, sobretudo, pela sua aparência externa homogênea. São dezenas de apartamentos semelhantes, cujo número de identificação na porta se torna realmente necessário para evitar confusões constrangedoras.

A modernidade fez-se acompanhar da produção em série, da homogeneização dos objetos de consumo e até do espaço, trouxe “o movimento no sentido de criar um ambiente homogêneo, um espaço totalmente modernizado, no qual as marcas e a aparência do velho mundo tenham desaparecido sem deixar vestígio.” (BERMAN, 1986, p. 68). O edifício de apartamentos, além de homogêneo, é totalmente racional: desde o aproveitamento do espaço com a superposição de habitações até o controle de entrada e saída de moradores e visitantes pela guarita da portaria. Em termos de racionalização e normatização da conduta, só fica atrás da prisão moderna, nos moldes em que foi analisada por Foucault em *Vigiar e Punir*. Nesse sentido, a *jaula de concreto* que os apartamentos representam para o indivíduo tenha um sentido mais literal do que a *jaula de ferro* que Weber vislumbrou para a modernidade.

Esse tipo de habitação, apesar da proximidade física, provoca um relacionamento social mais distanciado nos moradores. Segundo Robert E. Park,

Uma parcela bem grande das populações das cidades grandes, inclusive as que constituem o seu lar em casas de cômodo ou apartamentos, vivem

em boa parte como as pessoas em algum grande hotel, encontrando-se, mas sem se conhecer umas às outras. (PARK, 1967, p. 67).

Desse modo, a antiga relação de vizinhança, característica fundamental das pequenas cidades e da zona rural, fica limitada pela estrutura arquitetônica que restringe os contatos sociais aos encontros fortuitos (nos elevadores) ou formais (nas reuniões de condomínios)⁴.

Os edifícios residenciais, portanto, dificultam a afirmação da personalidade do indivíduo por meio de sua moradia. Para compensar a falta de indiferenciação externa, existe a compensação interna, com a decoração – forma moderna de afirmar a personalidade pela residência, detalhe que não passou despercebido a Walter Benjamin:

Desde Luís Felipe, a burguesia se empenha em buscar uma compensação pelo desaparecimento de vestígios da vida privada na cidade grande. Busca-a entre suas quatro paredes. [...] a moradia se torna uma espécie de cápsula. Concebe-a como um estojo de ser humano e nela o acomoda com todos os seus pertences, preservando, assim, os seus vestígios, como a natureza preserva no granito uma fauna extinta. (BENJAMIN, 1989, p. 43-44).

Desse modo, a verticalização representa a transformação nos valores da elite de Goiânia em direção a um comportamento mais metropolitano. O anúncio de um desses apartamentos, em 1975, aponta as principais qualidades desse tipo de moradia: “Edifício de 9 andares; Garagem individual, 02 elevadores, luxuoso Hal de Entrada, Central de Gás, Gelosias de alumínio em toda as janelas.” (*O POPULAR*, 5 outubro de 1975).

A altura, o controle da entrada e saída, o individualismo e a funcionalidade da tecnologia moderna, fazem com que os *arranha-céus* provocassem, não só a fascinação nos indivíduos, mas também repúdio, elogios e críticas. Quanto às críticas, partem principalmente da criação poética, como no poema *progresso*:

GLÓRIA AO HOMEM NAS ALTURAS

O lombo liso dos prédios
 velozmente verticaliza
 a antvida das cidades
 Glória ao homem nas alturas
 Confinado o homem sobe
 esnobe, quadriculado
 isola e se multiplica
 coisificado no ar

Glória ao homem nas alturas
 O isolamento em quadrados
 se por uma lado, é verdade
 elimina a comunicação
 compartimentada, por outro
 a neurose e a solidão
 uniformizando a cidade
 e assegurando na terra
 PAZ A HOMEM SEM VONTADE. (FIGUEIREDO, 1980, p. 27-8).

Esse poema, publicado em 1980, é fundamentalmente irônico, a começar pelo título *progresso* e pela citação bíblica. Ele critica o sentimento de onipotência dos homens que pretendiam chegar as alturas celestes por meio da arquitetura, como foi o caso dos que construíram a torre de Babel ou dos que edificaram, em 1970, o Edifício *Bemosa*, com 26 andares, o mais alto de Goiânia na época. O edifício de andares aparece em oposição à vida: é antívida, sendo também o responsável por “coisificar o homem no ar”, tirando-lhe a consciência, isto é, a sua vontade. O poeta é pessimista em relação às novas possibilidades geradas para o homem na metrópole moderna.

De modo geral, a crítica dirige-se à impessoalidade das relações sócio-afetivas na metrópole moderna, demonstrando um sentimento de nostalgia pelo tempo em que as relações eram mais íntimas e afetivas. Em *Cidade petrificada*, o poeta compara a cidade da sua infância com a atual:

Já percorri
 com meus olhos de menino
 esta cidade de pedra.
 (estava cheia de vida
 quando menino
 a habitava).
 [...] Tem uma doença
 que agiganta seu ventre
 e traga seus sobreviventes
 (é impossível salvá-la).
 Está podre, e absurda.
 Há edifícios nobres:
 Luís de Camões,
 Condomínios de Versailles.
 Só sei dizer dos quintais pobres
 onde perdi, sem ter encontrado
 as ilusões de menino. (FELÍCIO, 1981, p.105).

Cidade-de-pedra, cidade-sem-vida, cidade-doente, cidade-poder. Metáforas pejorativas indicando a transformação acarretada pelo crescimento (ou agigantamento). Os edifícios, como representantes dessa transformação, estão em oposição à época tradicional em que se brincava nos quintais.

Também nos contos, os apartamentos são vistos como lugares de solidão:

Primeiro seus olhos azuis dirigiram-se da janela do décimo sétimo andar para a rua estreita, ondulada pelo movimento colorido dos carros. Depois uma angústia sem conta foi brotando do peito e espalhando pelo corpo como garras frias e cruéis. [...] Não, ninguém. Apenas sombras deslizando pelos quartos vazios e a constante iminência de alguma voz. De vez em quando parecia-lhe sentir alguma aproximação humana. Quem sabe? Quem sabe? Girava o corpo rápida, atravessava a peça correndo, detinha-se no vão de alguma porta, mergulhava a cabeça no corredor ou no outro cômodo, espreitava à direita, à esquerda. Nada. Só silêncio e sombras. (MACHADO, 1978, p. 65).

A personagem em questão enlouquece: raspa parte de seus cabelos, pinta o corpo de azul, inunda a casa, deixando a torneira aberta. Não existem vizinhos para notar o seu período de reclusão e oferecer-lhe ajuda. Os únicos seres humanos, que estão em seu ângulo de visão privilegiada, aparecem na rua, distantes, preocupados com seus afazeres cotidianos.

De modo geral, as críticas aos aspectos metropolitanos da cidade remontam a secular oposição campo-cidade descritas por Raymond Williams (1989) no seu magistral *O campo e a cidade na história e na literatura*. Goiânia é comparada às pequenas localidades, próximas ao ambiente rural. Essas críticas permaneceram, no entanto, sufocadas diante da euforia causada por grandes edifícios, considerados como mais um adjetivo da Goiânia moderna: “Goiânia com 86 mil residências e seus arranha-céus é hoje a Rainha de Sabá dessa marcha gloriosa da conquista do Brasil pelos brasileiros”. (*POPULAR*, 23 de jan. de 1975).

Muitos dos goianienses talvez desconhecessem – ou nem estivessem preocupados – a relação entre Marcha para Oeste e arranha-céus. De qualquer modo, muitos preferiram a nova forma de morar: em 1969, do total de pedidos de financiamento para construção de residências, 1.300 eram para construção de casas e apenas 135 para construção de apartamentos; já, em 1978, os financiamentos para construção de casas subiram para 1.652 e para apartamentos, chegaram a 2.431; no ano de 1982 foram construídos mais de

4 mil apartamentos em Goiânia, o que provocou a mudança na paisagem urbana: em 1969 existiam cerca de 169 edifícios na cidade; dez anos depois eles já eram 1.815 (IBGE, 1981).

CONCLUSÃO

Os contos literários ambientados e alguns poemas que abordam Goiânia são importantes fontes históricas para mostrar o sentimento dos goianienses diante da modernização cultural. A modernidade representada pela construção de Brasília, pelas novas formas de lazer e de morar são responsáveis também por trazer medo e sofrimento. A literatura permite recuperar esses sentimentos, fazendo uma leitura crítica da modernização, possibilitando, desse modo, ao historiador encontrar “a realidade na ficção”.

Este artigo, como já foi dito, tem como uma de suas premissas a concepção de que toda obra de pretensão realista tem também elementos fictícios; e, por outro lado, toda obra fictícia contém também elementos realistas. Ou nas palavras de Hayden White

Já não somos obrigados, pois, a acreditar – como os historiadores do período pós-romântico – que a ficção é a antítese do fato (como a superstição ou a magia é a antítese da ciência) ou que podemos relacionar os fatos entre si sem o auxílio de qualquer matriz capacitadora e genericamente ficcional. (WHITE, 1994, p. 142).

Essa concepção abre espaço para análise de obras ficcionais como potencialmente informativas para entender os aspectos culturais, em que é preciso considerar a literatura como, nas palavras de James Clifford (1998, p. 63-99), uma *alegoria etnográfica*, isto é, ver no texto literário algo além do que ele expressa, de ver a ficção como seqüências de *metáforas* e imagens úteis para compreensão da cultura. No caso deste artigo, o *algo a mais* seria a representação da cidade de Goiânia na literatura de ficção, a fim de determinar como Goiânia é lida, pensada e representada nesses textos.

THE REALITY OF FICTION: REPRESENTATIONS OF THE CITY OF GOIÂNIA IN LITERARY TALES AND POEMS

ABSTRACT: The objective of this paper is to use the literary tales and poems to analyze the sensitivity of individuals in relation to cultural change that occurred in

Goiania, in the 1960 and 1970. During this period, in consequence the construction of Brasília, Goiânia experienced an intense population growth, resulting in a gradual overcoming of the sociability of character that prevailed earlier provincial and the advent of more social practical members “metropolitan.”

KEY WORDS: Goiânia, Literature, Cultural change.

NOTAS

- 1 Sobre isso, revela Bernardo Élis: “Uma nota interessante do tempo é que os bordéis, sobretudo o de uma Maria Branca, por exemplo, eram freqüentados pelas figuras mais destacadas do mundo político, como alguns secretários de Estado; parece que ao tempo era de bom tom ou era uma alta recomendação a notícia de que um alto funcionário era assíduo freqüentador de um bordel.” (Élis apud Teles, 1986, p. 24).
- 2 O garoto Goiani Segismundo Roriz, nascido no dia 5 de abril de 1935, o primeiro registro de nascimento de Goiânia, (apud Monteiro, 1938, p. 391) estaria, por exemplo, com vinte e cinco anos em 1960.
- 3 Um anúncio de jornal de 1960 de uma boate demonstra isso: “PORÃO 47: aberta das 21:00 hs as 2:00 hs da madrugada”. (*O Popular*, Goiânia, 15 de maio de 1960).
- 4 É preciso lembrar que os edifícios, das décadas de 60 e 70, não possuíam área de lazer como os edifícios atuais, o que possibilita um relacionado mais intenso entre os condôminos.

REFERÊNCIAS

Livros e artigos:

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Obras Escolhidas III. São Paulo: Brasiliense; 1989.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOSSELCK, Reinhart. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Contraponto/ PUC, 2006.

MONTEIRO, Charles; Pensando sobre a cidade de Porto Alegre na historiografia. In: *Cidades Brasileiras*. São Paulo: CAPES/COFECUB / Instituto de Estudos brasileiros/ Universidade de São Paulo, 1998, p. 34-37.

PARK, Roberto Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. *A construção de Brasília: modernidade e periferia*. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

SIMMEL, G. *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

TEIXEIRA, Ana Maria. *Mauro Borges e a Crise Político-militar de 1961 em Goiás: Movimento da Legalidade*. Brasília: Senado Federal (Centro Gráfico), 1994.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Livros ou artigos sobre Goiânia:

ARTIAGA, Zoroastro. *Salve Brasília!. Número Comemorativo da Mudança da Capital para o Planalto Central de Goiás*. Goiânia: Academia Goiana de Letras, 1960.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Anuário Estatístico de 1980*. Goiânia: IBGE, 1981.

MELO, Ivo de. *Do cofre da vida: causos de Campinas das Flores de Nossa Senhora da Conceição*. Goiânia: Ed. do Autor, 1988.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Como nasceu Goiânia*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938.

NETTO, Pimenta. *Anais do Batismo Cultural de Goiânia: 1942*. Goiânia: Prefeitura de Goiânia, 1993.

REIS, Gelmires. *Efemérides Goianas*. Goiânia: Secretaria de Educação e Cultura, 1979.

Contos literários:

ÉLIS, Bernardo. *Urbanização (Relatório)*. In: *Obra Reunida de Bernardo Élis*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987.

MACHADO, Marietta Telles. *A irmã do Inácio. Narrativas do cotidiano*. Goiânia: Oriente: 1978.

MACHADO, Marietta Telles. *Mergulhada na Urbe. Narrativas do cotidiano*. Goiânia: Oriente: 1978.

TELES, José Mendonça. *A solteirona do pensionato*. In: *A cidade do ócio*. Goiânia: Editora Oriente, 1973.

TELES, José Mendonça. Divina. *Via Sacra*. Goiânia: Gráfica do Cerne, 1971.

TELES, José Mendonça. Lua Cheia. In: *Via Sacra*. Goiânia: Gráfica do Cerne, 1971.

Poemas:

FELÍCIO, Brasigois. Cidade Petrificada. *Hotel do Tempo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Massao Ohno, 1981.

FELÍCIO, Brasigois. Vou indo (à margem da vida). In: *Exílio*. Goiânia: Gráfica e Editora Unigraf, 1979.

FIGUEREDO, Nelson. Progresso. *Sonhos e esporas, poemas*. Goiânia: Gráfica e Editora Unigraf, 1980.

NEDER, João. Poema composto no Índia Bar. In: GOIÂNIA, Prefeitura Municipal. Assessoria Especial de Cultura. *Memória Cultural: ensaios da história de um povo*. Goiânia, 1989.

TELES, Gilberto Mendonça. Capital. In: *Poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

Depoimentos:

Depoimento de Bernardo Élis. In: TELES, José Mendonça (org.). *Memórias Goianienses*, Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 1986.

Depoimento de Gerson Castro Costa. In: GOIÂNIA, Prefeitura Municipal. Assessoria Especial de Cultura. *Memória Cultural: ensaios da história de um povo*. Goiânia, 1989. P. 100.

Depoimento de Paulo Fleury da Silva. In: GOIÂNIA, Prefeitura Municipal. Assessoria Especial de Cultura. *Memória Cultural: ensaios da história de um povo*. Goiânia, 1989:160.

Depoimento de Regina Lacerda. In: GOIÂNIA, Prefeitura Municipal. Assessoria Especial de Cultura. *Memória Cultural: ensaios da história de um povo*. Goiânia, 1989: 293.

Jornais:

Cinco de Março, 24 outubro de 1966. Coletânea/Goiânia – Arquivo Histórico Estadual de Goiás

Folha de Goiaz, 24 outubro de 1982. Recortes/Goiânia – Arquivo Histórico Estadual de Goiás.

O Popular, 23 de janeiro de 1975. Recortes/Goiânia – Arquivo Histórico Estadual de Goiás.

O Popular, 5 outubro de 1975. Seção classificados. Microfilme: out./set/1975 – Centro de Documentação e Pesquisa de *O Popular*.

O Popular, Goiânia, 15 de maio de 1960. Arquivo Histórico Estadual de Goiás.